

FIM E SENTIDO: É POSSÍVEL UMA APROXIMAÇÃO ENTRE TOMÁS DE AQUINO E VIKTOR FRANKL?

Filipe Luís Brustolin¹

RESUMO

Este artigo tem por tema os conceitos de fim e sentido, fundamentais para os pensamentos de Tomás de Aquino e Viktor Frankl. O problema a ser investigado é a possibilidade de harmonizar a doutrina teleológica dos dois autores. Diante disso, o objetivo geral é determinar sua compatibilidade ou incompatibilidade. Para a consecução do objetivo geral são levantados três objetivos específicos. Primeiro, analisar isoladamente o conceito de fim em Tomás e o conceito de sentido em Frankl. Segundo, averiguar as semelhanças. Terceiro, apontar para as diferenças, o que responderá ao problema. As principais semelhanças entre fim tomasiano e sentido frankliano são: o caráter orientador das ações humanas, a função da racionalidade e da liberdade, a rejeição da perspectiva hedonista de felicidade e a aceitação do sofrimento. A diferença, porém, reside no termo que eles indicam para o fim e o sentido e o papel de Deus a esse respeito. Além do mais, a partir dessa diferença pretende-se refletir sobre a relação da logoterapia com a religião cristã. A metodologia, substancialmente bibliográfica, levará a procurar as respostas nas obras dos autores e de comentadores. O resultado esperado é, perfazendo o objetivo geral, determinar as semelhanças e dessemelhanças entre as teorias em foco.

Palavras-chave: Fim. Sentido. Teleologia. Tomismo. Logoterapia.

END AND MEANING: IS AN APPROXIMATION BETWEEN THOMAS AQUINAS AND VIKTOR FRANKL POSSIBLE?

ABSTRACT

This article has as its theme the concepts of end and meaning, fundamental to the thoughts of Thomas Aquinas and Viktor Frankl. The problem to be investigated is the possibility of harmonizing the teleological doctrine of the two authors. Given this, the general objective is to determine their compatibility or incompatibility. In order to achieve the general objective, three specific objectives are raised. First, separately analyze the concept of end in Aquinas and the concept of meaning in Frankl. Second, inquire the similarities. Third, point to the differences, which will answer the problem. The main similarities between the Thomasian end and the Franklian meaning are: the guiding character of human actions, the function of rationality and freedom, the rejection of the hedonistic perspective of happiness and the acceptance of suffering. The difference, however, lies in the term they indicate for end and meaning, and the role of God in this respect. Furthermore, based on this difference, we intend to reflect on the relationship between Logotherapy and the Christian religion. The methodology, substantially bibliographical, will lead the search for answers into the works of the authors and commentators. The expected result is to determine the similarities and dissimilarities between the theories in focus, fulfilling the general objective.

Keywords: End. Meaning. Teleology. Thomism. Logotherapy.

¹ Mestrando em Filosofia na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Bolsista CAPES). Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Contato: filipebrustolin@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Mais de seiscentos anos separam as vidas de Tomás de Aquino e Viktor Frankl. Os tempos nos quais viveram são profundamente diferentes e até mesmo as áreas do conhecimento nas quais mais comumente são estudados são diferentes. Porém, a leitura de dois conceitos fundamentais nos dois autores pode colocá-los em relação. Esses conceitos são os de fim em Tomás de Aquino e sentido em Viktor Frankl. Tanto um quanto o outro procura fundamentar seu pensamento ético em bases teleológicas. Haverá, então, tópicos em que concordam? Responder a esse problema é o objetivo principal da presente pesquisa.

A possibilidade de se colocar, no campo da filosofia, o mencionado problema é justificada pelo fato de que, embora Frankl tenha sido psiquiatra e Tomás de Aquino também tenha sido teólogo, há elementos verdadeiramente filosóficos em discussão. Toda abordagem teológica ou psicológica implica certa concepção filosófica de ser humano, de razão, de liberdade, de felicidade – para mencionar exemplos notáveis.

A hipótese aqui sustentada é a de que os conceitos de fim, para Tomás de Aquino, e sentido, para Viktor Frankl, são similares e podem ser considerados tópicos de interação entre seus pensamentos, conforme já atestou Peter Tavel, cuja pesquisa sobre os dois conceitos em questão, a ser referenciada adiante, é significativa. Ao mesmo tempo, porém, a conclusão à qual Tomás e Frankl orientam o fim e o sentido tornam suas doutrinas incompatíveis.

Pretende-se, em primeiro lugar, analisar os supracitados conceitos dos dois autores separadamente e, em seguida, compará-los apontando as concordâncias e discordâncias. O que não se fará sem a necessária consulta das obras originais e o auxílio de comentadores.

O resultado esperado é demonstrar que, embora haja muitas concordâncias dignas de serem exploradas filosoficamente entre fim e sentido na concepção dos dois pensadores, o ponto de radical discordância reside no modo como abordam Deus. Como se verá, para Tomás de Aquino, Deus necessária e objetivamente é o fim último do ser humano, ao passo que, para Frankl, até o ateu, que não tem fé, pode se relacionar com Deus quando dialoga, em seu interior, consigo mesmo. Essa concepção mais subjetivista de Frankl também possibilita refletir a respeito da relação da logoterapia, abordagem psicoterapêutica por ele fundada, com a religião cristã, de acordo com a qual a fé em um Deus exterior é necessária para a felicidade do ser humano.

Ao estudar esses dois autores, se está diante de duas teses que, embora diferentes aqui e ali, concordam em dar grande peso à valência teleológica das ações humanas. Sendo assim, investigar de que modo é possível ou não uma continuidade entre os dois é, por fim, ajudar a compreender a história do pensamento teleológico. Na Antiguidade, encontra seu principal

representante em Aristóteles. Depois, passa pela Idade Média, quando recebe o influxo do cristianismo e a busca por Deus que prega, momento em que os contributos de Tomás de Aquino podem ser considerados expressão desse mesmo influxo. Na época contemporânea, encontra ainda forte influência na logoterapia de Viktor Frankl.

2 O CONCEITO DE FIM PARA TOMÁS DE AQUINO

O tempo em que vive Tomás de Aquino (1225-1274) é marcado pelo descobrimento, por parte do Ocidente cristão, das obras de Aristóteles. O conceito aqui em questão, a saber, o de fim (ou finalidade), é assumido por Tomás de Aquino a partir de Aristóteles. Com efeito, diz Aristóteles, no Livro II da *Física* (194b16; p. 48), que o conhecer visa os porquês fundamentais. Estabelece que há, assim, quatro causas para todas as coisas que existem (REALE, 2014, p. 24): 1) causa formal, a estrutura ontológica específica do ente, sua forma e essência; 2) causa material, a matéria da qual é composto; 3) a causa eficiente, o responsável pelo seu princípio de movimento; e 4) causa final, a finalidade ou propósito. Interessa falar aqui da causa final.

A finalidade não está presente apenas nas atitudes dos seres racionais — como se verá adiante —, mas está impressa em todos os objetos do real; pois, segundo Aristóteles, tudo se inclina, por sua própria natureza, a um determinado fim. Além do mais, a causa final é considerada por Tomás de Aquino a mais importante das quatro causas, conforme afirma em seu *De principiis naturae*: “O fim é a causa das causas [*causa causarum*], porque é causa da causalidade em todas as causas” (c. 4; 2003, p. 36). O fim determina a forma, a matéria e a ação da causa eficiente. Sem a causa final, portanto, as causas formal, material e eficiente não acontecem. O recurso a um exemplo esclarece essa afirmação. Suponha-se que certo homem decide esculpir uma estátua: mesmo que tenha, diante de si, o material com o qual quer esculpi-la (causa material), mesmo que tenha, em mente, a forma que quer imprimir na matéria (causa formal), e mesmo que ele próprio, o escultor, esteja presente (causa eficiente), se não houver um propósito, uma intenção, ou seja, a causa final, de nada adiantará. É o fim que o levará a escolher esta e não outra matéria, esta e não outra forma, e o levará a agir. Tudo depende do fim.

As implicações serão profundas quando Aristóteles tratar da ética. Logo no início do Livro I da *Ética a Nicômaco*, obra na qual pretende investigar o fim ou a finalidade das ações do homem, diz: “Toda arte, toda investigação e igualmente toda ação e projeto previamente deliberado parecem objetivar algum bem. Por isso se tem dito, com razão, ser o bem a finalidade de todas as coisas” (2014, p. 45). Tomás de Aquino irá aderir a essa opinião segundo a qual os atos humanos são impulsionados e direcionados por um fim: “Todo agente age por um fim”

(*Suma Teológica* [ST] I, q. 44, art. 4, c.) e não por acaso. E esse fim é o bem: “como o objeto da vontade é o fim e o bem, necessário é tendam todas as ações humanas para um fim” (STI-II, q. 1, art. 1, c.).

Por esse ângulo, a ética tomasiana está estritamente ligada à sua antropologia: o homem direciona-se a um fim porque é dotado de inteligência, pela qual conhece o fim, e de vontade livre, pela qual deseja o fim. A razão e a vontade permitem ao homem agir deliberadamente em vista de um fim, coisa possível somente a seres racionais, portanto. Em consequência, isto é o que Tomás de Aquino afirma sobre os animais e as plantas: “seres sem conhecimento não tendem ao fim sem serem dirigidos por um ente conhecedor e inteligente, como a seta pelo arqueiro” (STI, q. 2, art. 3, c.), e esse ente é Deus. Ou seja, segundo ele, os animais e as plantas, apesar de não serem dotados da razão e de vontade, têm suas ações orientadas por fins, mas não de modo deliberado, senão que por terem sido criados por Deus, que imprimiu em suas naturezas o agir em vista de determinados fins, os quais seguem de modo instintivo, não livre. Dessa argumentação não hesitaram Tomás de Aquino e os tomistas em extrair um argumento favorável à existência de Deus (HUGON, 1998, p. 208).

Há, ainda de acordo com Tomás de Aquino, não uma série infinita de fins, mas um fim último para os atos humanos, o bem supremo, e ele o chama de “beatitude”, que coincide com a visão de Deus. A beatitude é o fim para o qual estão ordenados todos os demais fins; ou seja, há fins intermediários, que são múltiplos, e o fim último, que é único para todos.

3 O CONCEITO DE SENTIDO PARA VIKTOR FRANKL

Viktor Frankl (1905-1997), durante o período da Segunda Guerra Mundial, foi preso em campos de concentração da Alemanha Nazista. Tendo sobrevivido, após libertado compartilhou com o mundo as reflexões que colheu dessa dramática situação. Embora muitos desanimassem e desistissem de tudo, o que mantinha as pessoas vivas mesmo submetidas a tão lastimoso estado? Responde Frankl (2019, p. 129): o sentido de vida. Esse é o fundamento teórico por sobre o qual Frankl constrói sua abordagem psicoterapêutica, a logoterapia. Em seu *Em Busca de Sentido*, de 1946, divide a obra em duas partes: na primeira, eminentemente autobiográfica, narra os acontecimentos vividos no campo de concentração, sem deixar de refleti-los à luz da psicologia; e na segunda, expõe os fundamentos da logoterapia.

A logoterapia é comumente denominada a “terceira escola vienense de psicoterapia”, diferenciando-a tanto da Psicanálise de Sigmund Freud quanto da Psicologia Individual de Alfred Adler. O nome explicita a essência da abordagem: “O termo ‘logos’ é uma palavra grega e

significa ‘sentido!’” Por isso, Frankl continua dizendo que a logoterapia “concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse sentido. Para a logoterapia, a busca de sentido da pessoa é a principal força motivadora no ser humano” (2019, p. 124). Assim, de acordo com Frankl, toda a vida do ser humano deve ser orientada em direção ao sentido da sua vida. A terapia psicológica, baseada nesse princípio, levará o paciente que perdeu o sentido da sua vida, ou nunca o encontrou, a reencontrá-lo ou encontrá-lo (2019, p. 128).

Freud advoga pela primazia da vontade de prazer e Adler pela da vontade de poder; sem negar a importância desempenhada por ambas essas motivações, Frankl defende, porém, a primazia da vontade de sentido, “que se refere à busca contínua do ser humano por um sentido em sua vida [...]. É a força motriz da vida humana” (SANTOS, 2016, p. 133-134). A satisfação da vontade de sentido é, segundo Frankl, condição necessária para uma vida realizada e feliz. O peso existencial do sentido na procura pela felicidade levará Frankl, em sua obra intitulada *Psicoterapia para Todos*, a concluir o seguinte: “O homem realmente quer, em derradeira instância, não a felicidade em si mesma, mas antes um motivo para ser feliz” (1990, p. 11), e esse motivo corresponde ao sentido. Portanto, a consecução da felicidade passa, necessariamente, pelo prévio estabelecimento do sentido da vida.

Sucedem que a vontade de sentido nem sempre atinge seu objetivo e pode ser, por conta disso, frustrada. É o que Frankl chama de “frustração existencial”. Há origens múltiplas para as neuroses, mas da frustração existencial nascem neuroses particularmente preocupantes à logoterapia, as neuroses noogênicas. Noogênicas (do grego “*noos*”, mente) porque, para Frankl, derivam da “existência humana”, daquilo que é “especificamente humano” (2019, p. 126). Não obstante, Frankl (p. 127) assevera que nem todos os que sofrem e procuram terapia padecem necessariamente de neuroses.

Dessa forma, afastando-se da teoria que defende um equilíbrio mental absoluto, Frankl defende que certa tensão interior é natural e necessária à saúde mental, porque projeta o ser humano desde aquilo já alcançado para aquilo que ainda deve alcançar (FRANKL, 2019, p. 129). A força subjacente a esse movimento é justamente o sentido da vida, que deve significar a existência humana. Caso contrário, vivendo sem sentido para sua vida, o ser humano cai no que Frankl denomina “vazio existencial”, fonte de irrealização e sofrimento.

Segundo o fundador da logoterapia, o sentido da vida pode ser encontrado por três meios: “1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável” (FRANKL, 2019, p. 135). O segundo meio consiste em amar uma pessoa, o que, para Frankl, não significa a só satisfação dos impulsos sexuais, mas a captação da personalidade íntima do outro e a descoberta de seus

potenciais a serem concretizados (2019, p. 136). O terceiro meio, radicado na impossibilidade de se evitar absolutamente o sofrimento, visa encontrar sentido mesmo em meio a situações de sofrimento, revelando a capacidade propriamente humana de superar as contrariedades (2019, p. 137).

4 AS SEMELHANÇAS ENTRE TOMÁS DE AQUINO E VIKTOR FRANKL NO QUE CONCERNE AO FIM E AO SENTIDO

Os conceitos de fim para Tomás de Aquino e sentido para Viktor Frankl, conforme expostos acima, são inegavelmente semelhantes, conforme observa o importante trabalho de Peter Tavel ao estudar os dois autores. Tavel aponta inclusive para o fato de que Frankl cita Tomás de Aquino. Os conceitos de fim e sentido fazem com que ambos construam suas éticas em solo teleológico.

Tanto Tomás de Aquino quanto Frankl concordam em dizer que as ações humanas devem acontecer objetivando um propósito futuro bem determinado (TAVEL, 2010, p. 863). Sem fim e sem sentido o ser humano perde a razão de viver e se torna infeliz: não alcança o bem, para Tomás de Aquino, e cai no vazio existencial, para Frankl.

Tanto Tomás de Aquino quanto Viktor Frankl dão especial importância à inteligência humana na busca pelo fim e pelo sentido: esses só são alcançáveis porque o ser humano pode conhecê-los (TAVEL, 2010, p. 864). Diz Frankl em seu *A Vontade de Sentido*: “A consciência encerra a capacidade de apreender o sentido de uma situação em sua total unicidade” (2011, p. 29). Através de seu aparato racional, o ser humano pode refletir, determinar o fim/sentido da sua vida e, enfim, agir em vista dele. Isso eleva o ser humano acima dos entes que agem instintivamente.

É evidente, por conta disso, que Tomás de Aquino e Viktor Frankl consideram importantíssima a liberdade humana, como faculdade que permite escolher o fim/sentido após refletir a respeito (FRANKL, 2011, p. 26). A liberdade, porém, na concepção dos dois autores, é falível, pode errar e desviar o ser humano de seu fim/sentido da vida. Por isso, ambos defendem que a liberdade não é irrestrita, mas deve ser responsável (cf. FRANKL, 2019, p. 154).

Ademais, em suas considerações sobre o fim/sentido, Tomás de Aquino e Viktor Frankl se afastam do hedonismo (TAVEL, 2010, p. 866).

Com efeito, afirma Tomás de Aquino sobre o bem oriundo do corpo (*ST-II*, q. 2, art. 6, c.): “o bem conveniente ao corpo que causa, por apreensão do sentido, o prazer corpóreo não é o bem perfeito do homem, antes, é mínimo em comparação com o bem da alma”. Não é que

os prazeres corpóreos sejam maus em si mesmos; o que Tomás de Aquino afirma é que a felicidade última do ser humano não consiste nos prazeres corpóreos, porque o bem da alma é de certa forma infinito e não se contenta apenas com o bem do corpo, que é finito. Portanto, o fim último do homem deve estar acima das satisfações das necessidades corpóreas – dirá ele que está na visão intelectual de Deus.

Descartando o hedonismo, Viktor Frankl afirma: “A logoterapia [...] considera o ser humano um ente cuja preocupação principal consiste em realizar um sentido, e não na mera gratificação e satisfação de impulsos e instintos” (2019, p. 128). Também para ele, como se vê, o sentido da vida não pode ser esgotado naquilo que há, no ser humano, de impulso e instinto, ou seja, naquilo que há de sensível. Em outro lugar, é mais claro ainda: “Um dos princípios fundamentais da logoterapia está em que a principal preocupação da pessoa humana não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver um sentido em sua vida” (2019, p. 137). Para Frankl, estaria em erro a pessoa que dedicasse ao prazer o sentido último da sua vida, sob risco de mergulhar no vazio existencial (2019, p. 132).

Em suma, os conceitos de fim e sentido, de acordo com a óptica dos autores aqui estudados, rejeitam a perspectiva hedonista e utilitarista segundo a qual a felicidade do ser humano reduz-se aos prazeres sensíveis.

Por conta disso, Tomás de Aquino e Viktor Frankl concebem, no sofrimento humano, um caráter redentor. Cristão que era, Tomás de Aquino viu na crucificação de Jesus Cristo tanto um sinal de que Deus se importa com o sofrimento humano, quanto a divinização do mesmo sofrimento, que se torna assim caminho para a redenção e a salvação, fim último do homem (FAITANIN, 2006). Viktor Frankl, por seu turno, afirma categoricamente que trata-se do “potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana” (2019, 136-137), ele que foi sobrevivente do Holocausto. Em ambos os autores, o fim e o sentido fazem com que o ser humano suporte as experiências de sofrimento, visto considerarem o sofrimento fator de potencial engrandecimento da existência humana.

5 A PRINCIPAL DIFERENÇA ENTRE TOMÁS DE AQUINO E FRANKL

Embora contenham diversas similaridades em seu início, os rumos para os quais Tomás de Aquino e Frankl orientam seus conceitos de fim e sentido são discordantes.

Segundo o filósofo e teólogo medieval, o fim da existência do ser humano é Deus, tanto do ponto de vista natural quando do sobrenatural. Os argumentos pelos quais fundamenta sua

afirmação podem ser resumidos nos seguintes: 1) uma série infinita de fins, sem um fim último, é tão impossível quanto uma série de causas infinita sem uma causa primeira – portanto, deve haver um fim último em referência ao qual todos os demais fins são intermediários e secundários²; 2) a vontade do ser humano almeja o bem universal assim como sua razão almeja a verdade universal – portanto, deve haver um fim último que é ao mesmo tempo o bem universal (*STI-II*, q. 2, art. 8); 3) diferentemente de outros entes, a vontade humana aspira a um bem infinito, que não se satisfaz com bens finitos – portanto, deve haver um fim último infinito cuja posse é capaz de satisfazer plenamente o desejo de felicidade humano.

Importa recordar também que, segundo Tomás de Aquino, é possível ao intelecto humano conhecer Deus naturalmente, através de argumentos que tomam por ponto de partida as criaturas presentes no mundo. São as suas famosas cinco vias (*STI*, q. 2, art. 3). Portanto, mesmo aquele que não tem acesso aos dados revelados pode, para ele, alcançar o conhecimento de que Deus existe e, além do mais, de certos aspectos do Criador (tais como, por exemplo, sua imaterialidade e infinitude), bem como tender a ele como a seu fim natural, mesmo que de modo muito inferior daquele que o conhece pela revelação.

No terceiro livro de sua *Suma contra os Gentios* (2017), mais especificamente do capítulo 26 ao 40, Tomás analisa demoradamente todos os fins que, segundo ele, um ser humano pode almejar: o ato da vontade, os deleites da carne, as honras, a glória, a riqueza, o poder mundano, os bens corpóreos, a parte sensitiva, os atos das virtudes morais, a atividade artística, o conhecimento geral de Deus, o conhecimento de Deus proveniente da demonstração, o conhecimento de Deus proveniente pela fé, a investigação das ciências especulativas e o conhecimento das criaturas separadas. E conclui que o fim último da existência humana, que não é nenhum desses, só pode coincidir com a visão intelectual da essência divina.

Com Frankl, porém, não há um sentido último objetivamente definido para toda a humanidade. Caberia ao terapeuta apenas orientar o paciente em direção ao caminho que lhe torne possível definir o sentido para a própria vida; havendo assim um leque de inúmeras coisas que potencialmente podem fazer sentido para ele.

Quanto a Deus, em seu *Fundamentos Antropológicos da Psicoterapia*, Frankl define como segue:

[...] quando alguém, na sua mais completa solidão e com o máximo de honestidade para consigo mesmo, pensa e fala no plano da interioridade, está

² Portanto, Tomás não exclui à liberdade humana a escolha de fins intermediários, desde que não se constituam obstáculo (pelo contrário, devem ser meios) para a consecução do fim último, Deus. O erro estaria em considerar como fim último algo que é apenas fim intermediário. Em linguagem agostiniana, escolher um bem inferior em detrimento do Bem supremo.

se dirigindo verdadeiramente a Deus (*tibi cor meum loquitur*). Pode ser crente ou ateu, pouco importa, porque “operacionalmente” Deus se define como aquele com quem, de uma maneira ou de outra, nós falamos. O crente se diferencia, portanto, do ateu apenas por não admitir a hipótese de que está falando consigo mesmo; acha, pelo contrário, que suas palavras alcançam alguém que não é idêntico a ele (FRANKL, 1978, p. 258).

E em seu *A Presença ignorada de Deus* afirma o seguinte: “Se Deus realmente existe, estou convicto de que ele não levaria a mal se alguém o confundisse com o próprio eu e o chamasse por nome errado” (FRANKL, 2017, p. 113). Esse princípio inegavelmente subjetivista o faz ser crítico dos dogmas religiosos em favor de uma “religiosidade pessoal” (FRANKL, 2017, p. 79).

Conforme aponta Echavarría (2009), Frankl nesse tocante é fortemente influenciado de um lado por Immanuel Kant (1724-1804) e de outro por Martin Heidegger (1889-1976). Do subjetivismo idealista kantiano herda a posição de que o conhecimento humano não pode ascender naturalmente ao conhecimento de Deus. Da fenomenologia heideggeriana herda a noção de Deus como um evento do ser. Portanto, seu Deus não possui necessário valor objetivo, extramental.

Essa é a principal razão pela qual sua doutrina entra em conflito com Tomás de Aquino, segundo o qual Deus não é só causa eficiente do ser humano, mas é também sua causa final ou fim último. Para ele, a fé é necessária para alcançar o fim último, que é o próprio Deus. Ora, tudo o que afasta de Deus é pecado. Considera, portanto, pecado a falta de fé em Deus (*STII-II*, q. 10, art. 3), pois – sob certa perspectiva, mais do que qualquer outro pecado – afasta o ser humano de Deus, privando-lhe do seu fim último. Nesse ponto Tomás entra em desacordo com a posição de Frankl³.

É possível, então, problematizar, no campo da filosofia da religião, a relação da logoterapia com o cristianismo, religião que prega que Deus se revela ao homem a partir de fora. Essa revelação depende, sim, da aceitação subjetiva do ser humano, mas não se esgota nela; ou seja, segundo os dogmas cristãos, é impossível que Deus se confunda com o sujeito em seu diálogo interior. Portanto, para a religião cristã, é necessária a fé em Deus transcendente e distinto do ser humano que o escuta. “Sem fé é impossível agradar a Deus”, diz a *Epístola aos Hebreus* (capítulo 11, versículo 6). Segundo a Escritura cristã, está fora de cogitação encontrar o sentido

³ Em consequência disso, embora ambos repudiem o hedonismo, apenas a tese de Tomás de Aquino é capaz de se constituir como verdadeiramente metafísica e opositora do materialismo. Quanto a Frankl, some-se à sua concepção imanente de Deus os três meios pelos quais julga ele ser possível a alguém encontrar o sentido de vida. Nenhum desses meios, citados anteriormente, está necessariamente interessado com a orientação metafísica da vida humana, ou seja, podem ser satisfeitos em motivos materiais; estão, por isso, sujeitos a interpretações materialistas que rejeitam o plano metafísico. Diferentemente daquilo que acontece com Tomás de Aquino, para o qual o fim último deve alcançar o ser humano ao suprassensível em direção a Deus.

da vida fora de Deus. Consultou-se anteriormente a Tomás de Aquino por apresentar a questão em termos filosóficos. Além do mais, há a necessidade imposta por essa religião de definições dogmáticas as quais obrigam o assentimento dos fiéis; coisa que Frankl, porém, rejeita.

Longe de declarar incompatível tal abordagem psicoterapêutica com a fé cristã, o presente objetivo é o de oportunizar a reflexão no diálogo da logoterapia com os adeptos do cristianismo, para os quais a fé é de indispensável importância. Para eles, a existência exterior de Deus não pode ser um fato relegado à opinião subjetiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após investigar os conceitos de fim em Tomás de Aquino e sentido em Viktor Frankl concluiu-se que podem ser considerados um tópico de concordância entre os pensamentos dos dois. De modo que é possível afirmar que Frankl é inspirado pela doutrina ética de natureza teleológica desenvolvida por Aristóteles e Tomás de Aquino.

Os aspectos nos quais as duas doutrinas se tocam são os seguintes: fim e sentido como força orientadora das ações humanas; o papel da racionalidade e da vontade livre na persecução do fim e do sentido; a rejeição do hedonismo como propósito último; e a aceitação do sofrimento em seu caráter redentor.

Contudo, concluiu-se também que, embora no começo tenham essa notável concordância, as doutrinas dos dois se tornam inconciliáveis quando lhes perguntamos pelo término desse fim e desse sentido. Para Tomás de Aquino, é invariavelmente Deus, que pode ser conhecido de modo natural a partir das criaturas. Para Frankl, há vasta a liberdade na definição do sentido. No que se refere a Deus, Frankl considera-o um evento interior sem necessário valor exterior e, portanto, acessível tanto ao ateu quanto ao crente. Visto que o fim ou sentido último devem orientar tudo o que vem antes, esse ponto, que toca profundamente a questão da crença em Deus, gera discordâncias com Tomás de Aquino e a religião cristã e seus dogmas.

Sem querer dar a última palavra sobre o problema, a intenção dessa pesquisa foi a de proporcionar o encontro entre duas estruturas teóricas (a saber, o tomismo e a logoterapia) cujas opiniões são de muita relevância para as discussões éticas em filosofia.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. 4. ed. São Paulo: EDIPRO, 2014.
- ARISTÓTELES. *Física I-II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas: Unicamp, 2009.
- ECHAVARRÍA, Martín F. *La praxis de la psicología y sus niveles epistemológicos según Santo Tomás de Aquino*. 1. ed. La Plata: Universidad Católica de La Plata, 2009.
- FAITANIN, Paulo. Considerações acerca do sofrimento humano a partir de São Tomás de Aquino. In: *Aquinate*, n. 2, 2006.
- FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. Trad. Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 18. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.
- FRANKL, Viktor E. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. Trad. Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Trad. Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 48. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2019.
- FRANKL, Viktor E. *Fundamentos antropológicos da psicoterapia*. Trad. Renato Bittencourt. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- FRANKL, Viktor E. *Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva*. Trad. Antônio Estevão Allgayer. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HUGON, Édouard. *Os princípios da filosofia de São Tomás de Aquino: as vinte e quatro teses fundamentais*. Trad. D. Odilão Moura, OSB. Porto Alegre: EDPUCRS, 1998.
- PEREIRA, I. S. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. In: *Psicologia USP*, v. 18, n. 1, 2007.
- REALE, Giovanni. *Metafísica: ensaio introdutório*. Trad. Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- SANTOS, David Moises Barreto dos. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 68, n. 2, 2016.
- TAVEL, Peter. The Connection between Thomism and the Theory of Viktor E. Frankl on the Meaning and Goal of Life. In: *Angelicum*, n. 87, 2010.
- TOMÁS DE AQUINO. *Os princípios da realidade natural*. Trad. Henrique Pinto Rema. Porto: Porto Editora, D.L, 2003.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma teológica*: vol. 1-5. Trad. Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios*. Trad. Dom Odilão Moura, OSB. Campinas: Ecclesiae, 2017.